



FORMATO DO RESUMO EXPANDIDO DE REVISÃO DA LITERATURA

O paradoxo entre a loucura e a lucidez – Uma análise do documentário “Estamira”

Josiane Miranda Muller, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Joyce Mara Ferreira Lopes França, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Lara Maria Esteves, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Maria Gabriela Felix da Silva, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Maria Gabriela Martins, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Tayna Silva Quevedo, Psicologia, Centro Universitário Integrado, Brasil

Viviane Francelino da Silva, Psicologia, Centro Universitário Integrado

Felipe Augusto Petreca, Centro Universitário Integrado, Brasil,
felipeaugusto.petreca@grupointegrado.br

INTRODUÇÃO

O documentário “Estamira”, dirigido por Marcos Prado, lançado em 2004, é uma obra cinematográfica que retrata a vida de Estamira Gomes de Sousa, uma mulher que viveu por mais de vinte anos no aterro sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. O filme expõe a realidade profunda e sensível de como é o trabalho em um lixão, uma realidade marginalizada, proporcionando a reflexão da condição humana, da desigualdade social, da loucura, da exclusão social, da saúde mental e da relação entre o sujeito com o meio ambiente.

A narrativa do documentário se constrói das reflexões filosóficas e dos relatos pessoais da protagonista, que apesar de diagnosticada com esquizofrenia, apresenta uma característica singular que vai além de um diagnóstico, pois ela apresenta uma força narrativa e uma capacidade de pensar criticamente e questionar sobre o seu mundo, que faz dela um sujeito rico e complexo que, assim como qualquer outro sujeito, não deve ser reduzida ao seu diagnóstico. No entanto, Estamira emerge como uma figura paradoxal: ao mesmo tempo que é vítima de um sistema que a marginaliza, ela se torna uma voz poderosa que questiona as estruturas sociais e os valores contemporâneos.

Ao longo do documentário, são apresentados os relatos de vida de Estamira, marcados por violências físicas, abusos psicológicos e sexuais que deixaram profundas marcas em sua vida psíquica. Essas experiências traumáticas, somadas

às questões interseccionais de gênero, raça e classe, - ou seja, por ser uma mulher negra e pobre no Brasil - acarretam consequências graves e complexas, refletindo-se em sua subjetividade e em sua forma de se relacionar com o mundo.

Neste documentário, é fundamental refletir sobre a forma como o sofrimento psíquico é abordado enquanto uma experiência que atravessa o sujeito, emergindo de vivências marcadas por tragédias e rupturas. Esse enfoque dialoga diretamente com as discussões propostas por Michel Foucault, em especial no que tange à construção da “doença mental” como um objeto de estudo sobretudo da psiquiatria, bem como à experiência trágica da loucura, marcada pela exclusão social e pela medicalização. Além disso, as contribuições de Paulo Amarante sobre a reforma psiquiátrica e a luta por uma visão mais humana do sofrimento mental se somam a este trabalho.

Sendo assim, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o documentário sob uma perspectiva crítica da história da loucura, estabelecendo conexões entre os conceitos fundamentais sobre o tema, sobre a própria psiquiatria e a estigmatização e exclusão social da loucura, com a história de Estamira. Ao compreender esses conceitos e suas aplicações práticas, busca-se ampliar a discussão sobre a dignidade humana em contextos de marginalização, oferecendo subsídios teóricos e reflexivos que possam auxiliar tanto profissionais quanto estudantes de Psicologia na articulação entre teoria e prática.

MÉTODO

Para a realização deste estudo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como método, entendida, segundo Marconi e Lakatos (2003), como a técnica de investigação que se realiza a partir do levantamento de referências teóricas já publicadas como livros e artigos, com o objetivo de fundamentar e contextualizar a pesquisa. Neste trabalho, o documentário Estamira (Prado, 2007) é utilizado como base para a análise. Para fundamentá-las foram utilizadas as contribuições de Paulo Amarante (1998), que discutem a história da loucura e sua influência na psiquiatria contemporânea, bem como as obras de Foucault (1978, 1996, 1999), que abordam a construção histórica da loucura e seu impacto nas instituições e práticas psiquiátricas. A interpretação dos dados foi realizada por meio de uma análise crítica e comparativa entre o conteúdo do documentário e os referenciais teóricos selecionados, permitindo uma reflexão aprofundada sobre a temática abordada.

REVISÃO DE LITERATURA

A história da loucura, conforme Foucault (1978), revela como a sociedade construiu e marginalizou a figura do louco ao longo dos séculos, e argumenta que a loucura é uma categoria social e cultural que foi definida e redefinida de acordo com os interesses e valores de cada época. Na Idade Clássica, por exemplo, a loucura foi associada à desrazão e, posteriormente, medicalizada pela psiquiatria moderna, que a transformou em objeto de controle e exclusão. Além disso, a institucionalização do louco em hospitais e manicômios reflete uma prática de poder que visa normalizar e silenciar aqueles que desafiam as normas sociais. Portanto, a loucura não é um conceito estável, mas socialmente construído.

Nesse contexto, o documentário Estamira (Prado, 2004) oferece uma reflexão contemporânea sobre essas questões, ao retratar a vida de uma mulher que desafia as estruturas de poder e ressignifica sua existência através da linguagem e da crítica social. Sua trajetória retrata uma ligação entre violência de gênero, exclusão social e adoecimento mental. Seus relatos de abuso sexual na infância e vida adulta, incluindo a violência causada pelo próprio avô, revelam como o sofrimento psíquico é moldado por estruturas de poder que silenciam corpos marginalizados. Foucault (1999) demonstra que a sexualidade opera enquanto um campo de dominação, onde violências como estupro são expressões de uma ordem social que naturaliza e prevalece, sobretudo, sobre as mulheres pobres e negras.

A ausência de redes de apoio contribuiu para a transformação do trauma de Estamira em delírios e discursos fragmentados, sintomas que a psiquiatria tradicional isolaria como loucura, mas que Foucault (1978) interpreta como respostas a violências reais não elaboradas, a qual tem influência de todo seu sofrimento psíquico, como as violências sexuais, de gênero, raça, além de questões de ordem cultural e histórica. Ou seja, seu adoecimento é definido por seu contexto social.

Estamira se autodefine dizendo que “sou louca, sou doida, sou maluca, sou advogada, porém lúcido, consciente e sentimentalmente” (Prado, 2004). Sua fala, marcada por lucidez e criatividade, desafia as concepções tradicionais de loucura. Ela cria jogos de palavras como o termo “trocadilo”, o qual ela associa como alguém que engana os homens, aos quais são seduzidos e depois lançados no abismo, revelando não apenas sua percepção aguçada das dinâmicas de poder gerados de dificuldades e desigualdades da sociedade, mas também evidencia sua resistência a essas estruturas que a oprimem, ou seja, a mesma desrazão utilizada pelo discurso dominante para tentar oprimi-la é utilizada pela autora como uma forma de contestação e resiliência. Isto porque, segundo Foucault (1996), o discurso pode ser controlado por mecanismos externos de exclusão, como a interdição de quem pode ou não falar, a rejeição que separa a razão e loucura e a oposição entre verdadeiro e falso. No caso de Estamira, que é uma mulher negra, pobre, que trabalha no lixão e diagnosticada com esquizofrenia, sua fala é marginalizada por não se enquadrar nos padrões discursivos dominantes. A sociedade, ao valorizar a racionalidade, rejeita o discurso do louco o caracterizando como irracional, reforçando sua exclusão. Foucault argumenta que a loucura não é um fenômeno natural, mas uma construção discursiva que serve ao exercício de poder. Assim, a desrazão de Estamira não é mera patologia, mas ao mesmo tempo, uma tentativa de controle e uma forma de resistência a eles.

Além disso, em Estamira, é abordada a invisibilidade social das pessoas que trabalham em espaços marginalizados, como o lixão de Gramacho, em que há um reflexo das desigualdades estruturais da sociedade, onde os trabalhadores são frequentemente ignorados ou estigmatizados. Foucault (1978) argumenta que a exclusão do louco está intrinsecamente ligada à exclusão de outros grupos marginalizados, como pobres, doentes e desviantes, e que a loucura foi historicamente construída como o outro da razão. A loucura é produzida pelas estruturas sociais, e que a miséria e a exclusão econômica são frequentemente associadas à loucura.

Estamira desafia essa dicotomia ao fazer de sua loucura uma forma de resistência e crítica social. Assim, o documentário não apenas retrata a vida de uma mulher marcada pela exclusão e pelo sofrimento, mas também contribui para a desconstrução de estigmas relacionados à doença mental, mostrando que o sofrimento psíquico é atravessado por dimensões sociais, políticas e existenciais.

O documentário também problematiza o sistema de saúde mental, especialmente no contexto brasileiro, ao retratar o atendimento de Estamira no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), criados a partir da reforma psiquiátrica brasileira, conforme nos aponta Amarante (1998). Em uma cena emblemática, ela critica a médica, chamando-a de copiadora por se limitar a renovar receitas sem escutar sua história ou considerar seu território existencial (Prado, 2004). Nesse sentido, a fala de Estamira denuncia a lógica biomédica hegemônica, que prioriza a medicação em detrimento de uma abordagem mais ampla e humanizada.

Essa crítica ressoa com as reflexões de Amarante (1998) em que apesar dos avanços institucionais conquistados pela reforma psiquiátrica, a criação de espaços que buscam superar os manicômios não garante seu caráter antimanicomial, pois é necessário, além de investimentos, o engajamento dos profissionais com a luta antimanicomial. Com isso, muitas vezes as intervenções ainda persistem no diagnóstico e na medicalização, desconsiderando as dimensões sociais e existenciais dos sujeitos.

Apesar de um avanço em relação ao modelo de manicômios, esses serviços só se consolidam como espaços verdadeiramente antimanicomiais quando evitam a reprodução de mecanismos de controle e exclusão, priorizando a escuta e a inserção social. Portanto, os desafios contemporâneos revelam que os indivíduos que fogem aos padrões normativos são frequentemente marginalizados, reduzidos a suas patologias, enquanto suas singularidades e determinações sociais são negligenciadas, e apesar dos avanços conquistados pela luta antimanicomial e pela reforma psiquiátrica, essa batalha ainda precisa ser travada cotidianamente.

Amarante (1998) contribuiu em suas discussões sobre a Reforma Psiquiátrica ao criticar modelos tradicionais excludentes e manicomiais, defendendo a desconstrução desses modelos excludentes e a construção de uma prática psiquiátrica, no qual a saúde mental fosse marcada pela dignidade e reinserção social, bem como, destacou a importância de superar o paradigma da marginalização, propondo uma visão centrada no sujeito e nos seus direitos, inspirado pela luta antimanicomial e movimentos sociais, destacando a necessidade de políticas públicas que valorizasse os direitos dos usuários dos serviços de saúde mental elencado pela humanização e pela justiça social.

Isso significa que a trajetória de Estamira reforça a necessidade de práticas terapêuticas que valorizem a subjetividade do sujeito e a sua reinserção social, combatendo a exclusão e a violência imposta pelas estruturas psiquiátricas tradicionais, tornando-se um manifesto pela construção de uma sociedade que acolha a diferença sem promover a marginalização.

Assim, demonstra-se que a loucura não se constitui por uma essência patológica, mas se trata de uma categoria dinâmica, atravessada por relações de poder, desigualdades e possibilidades de contestação. As obras de Foucault, de Amarante e a trajetória de Estamira convergem, portanto, na defesa de uma clínica mais

humana e contextualizada, que reconheça a complexidade do sujeito para além de rótulos diagnósticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do documentário, à luz das obras de Foucault e das contribuições de Amarante, sublinha como a loucura foi historicamente construída e institucionalizada como um instrumento de controle social. Através de suas palavras e gestos, Estamira não apenas questiona a medicalização da loucura, mas também denuncia a exclusão de indivíduos marginalizados, como os trabalhadores do lixão de Gramacho, expostos às desigualdades sociais. Sua narrativa ressoa com a crítica à psiquiatria contemporânea, que, muitas vezes, reduz o indivíduo a uma patologia, desconsiderando sua história, contexto social e a sua humanidade. Com isso, atingimos o objetivo deste trabalho, que foi explorar as relações entre o documentário e as teorias sobre a loucura, contribuindo para uma compreensão mais ampla dos temas abordados.

PALAVRAS-CHAVE: Estamira. Loucura. Medicalização. Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Loucos pela Vida: A Trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil.** Rio de Janeiro Fiocruz, 1998.

FOUCAULT, M. **História da Loucura: na Idade Clássica.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **A ordem do discurso:** Aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **História da Sexualidade**, v. 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia.** São Paulo: Atlas, 2003.

PRADO, M. **ESTAMIRA.** (Documentário 116 min.). Produção de Marcos Prado e José Padilha. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2004.